

ÍNDICE

Notas Introdutórias de Natália Nunes	19
--------------------------------------	----

Poesia

POESIAS COMPLETAS (1956-1967)

A Poesia de António Gedeão — Esboço de análise objectiva por Jorge de Sena	43
---	----

Movimento Perpétuo 1956

Homem	91
Vidro côncavo	91
Moinho sem velas	92
Impressão digital	92
Cruzeiro do sul	93
Carne viva	94
Pulsação da treva	95
Forma de inocência	96
Melodia proibida	96
Espelho de duas faces	97
Amor	98
Gota de água	98
Cabeçudos e gigantones	99
Anjo incolor	99

Crepúsculo	100
Estrela da manhã	101
Flores de cera	103
Tempo de poesia	103
Pedra filosofal	104
Chuva na areia	105
Tudo é foi	106
Teatro óptico	107
Campo de concentração	108
Que de mim?	108
A estrada	109
Sede de água	110
Balão esvaziado	111
Intermezzo	112
Ballet	112
Vento no rosto	114

Teatro do Mundo 1958

Fala do homem nascido	117
Ode metálica	118
As palavras escolhidas	120
Poema do homem só	121
Adeus, Lisboa	123
Capricórnio	125
Desencontro	126
Esta é a Cidade	126
Autobiografia	128
Rio triste	130
Poema de pedra lioz	131
Minha aldeia	132
Vitríolo	133
Rosa branca ao peito	134
Bom dia	135
Lágrimas tudo	136
Cavalinho, cavalinho	137
Calçada de Carriche	140
Porta da traição	143
Pastoral	144

Saudades de Roseta	145
Dor de alma	146
Sou assim	147
Poema do homem-rã	148
Aurora boreal	149
Poema da malta das naus	151
Dez réis de esperança	152
Ponto de orvalho	153
Lírio roxo	154
Foguete de lágrimas	155

Máquina de Fogo

1961

Máquina de Fogo	159
A funda	159
Amador sem coisa amada	160
Dia de Natal	161
Lágrima de preta	163
Saluti a Vincenzo	164
Ai Silvina, ai Silvininha	165
Amostra sem valor	167
Como será estar contente?	167
Máquina do mundo	168
Poema do autocarro	169
A um ti que eu inventei	172
Anti-Anne Frank	172
Sonolência cósmica	173
Reflexão total	174
Uma qualquer pessoa	175
Arma secreta	177
Poema da auto-estrada	177
Que é andar o Sol lá fora?	179
Declaração de Amor	180
Trovas para serem vendidas na Travessa de S. Domingos	181
Escopro de vidro	185
Flor de baunilha	185
Amor sem tréguas	186
Paisagem do outro lado	187
Poema épico	189

Saudades da terra	189
Allegro moderato	191
Teatro anatómico	192
Suspensão coloidal	193

Linhas de Força
1967

Poema do coração	197
Enquanto	198
Poema do alvorecer	199
Catedral de Burgos	200
Natureza morta	200
Poema da noite plácida	201
Lição sobre a água	202
Poema do fecho éclair	202
A adolescente	204
Poema para Galileo	204
Poema numa esquina de Paris	207
Onde?	207
Poema da buganvília	208
Mãezinha	209
Carta aberta	210
Poema do amor	211
Poema da flor proibida	213
Canção do oboé	214
Memória sobre os teus olhos	215
Amargo estilo novo	217
Poema da morte na estrada	218
Poema dos passarinhos antigos	218
Poema da terra adubada	219
Poema do poste com flores amarelas	220
Poema do alegre desespero	220
Um sorriso para Cibele	222
Os amantes liquefeitos	222
Poema da morte aparente	224
Hora H	224
Poema de me chamar António	224

4 Poemas da Gaveta

Para além da Trafaria	229
Alegremente, no autocarro	230
Poema do verde prado	231
Estatística	231

SONETO

Soneto	235
--------	-----

POEMAS PÓSTUMOS

1 — Poema do adeus	239
2 — Poema do cão ao entardecer	241
3 — Poema da noiva de Chagall	242
4 — Poema das coisas belas	244
5 — Poema do tio-avô materno	244
6 — Poema das flores	245
7 — Poema do vibrião colérico	246
8 — Poema das coisas	247
9 — Poema do amor fóssil	248
10 — Poema sem esperança	249
11 — Poema do estrangeiro	249
12 — Poema da menina do higroscópio	250
13 — Poema do ser inóspito	251
14 — Poema dos olhos na ribeira	252
15 — Poema do fim do mundo	253
16 — Poema da volta pelo bairro	257
17 — Poema das nuvens fofas	258
18 — Poema do alquimista	258
19 — Poema do homem duplo	260
20 — Poema da palavra exacta	261
21 — Poema da memória	262
22 — Poema da eterna presença	263
23 — Poema do lençol sobre o corpo	264
24 — Poema no Domingo de Páscoa	266
25 — Poema das folhas secas de plátano	266
26 — Poema do futuro	267

NOVOS POEMAS PÓSTUMOS

1 — Poema das árvores	271
2 — Poema dos textos	272
3 — Poema de domingo	273
4 — Poema de ser natural	274
5 — Poema da praça pública	275
6 — Poema da mulher dos cabelos brancos	276
7 — Poema da erva fresca	277
8 — Poema de alfarrobeira	278
9 — Poema do instante	279
10 — Poema da camisinha de algodão	280
11 — Poema da flor no seu vaso	282
12 — Poema dos braços nus das mulheres	283
13 — Poema da minha natureza	284
14 — Poema dos olhos fechados	285
15 — Poema dos homens distantes	287
16 — Poema da selva	288
17 — Poema de um dia frio	289
18 — Poema da sombra mínima	290
19 — Poema de ser ou não ser	291
20 — Poema do afinal	292
21 — Poema do gato	293
22 — Poema das mãos frias	294
23 — Poema de ser nos olhos	296
24 — Poema do livre-arbítrio	297
25 — Poema do homem novo	298
26 — Poema do eterno retorno	299
27 — Poema de andar à roda	301

Cartas a Jorge de Sena

Breves Palavras sobre as Minhas Relações com Jorge de Sena	307
Lisboa — 1/7/58	310
Lisboa — 19/7/58	313
— 9/12/58	313
— 2/2/59	314
— 30/3/59 (cartão)	315
— 3/4/59 (cartão)	316

Lisboa	—	31/7/59	316
Lisboa	—	24/7/61	317
Lisboa	—	26/8/62	318
Lisboa	—	29/12/63	319
Lisboa	—	22/2/66	322
Lisboa	—	15/6/67	323
Lisboa	—	16/5/68	324
Lisboa	—	12/1/69	325
	—	9/2/69 (cartão)	326
Lisboa	—	1/11/70	326
	—	5/4/71 (cartão)	327
Lisboa	—	10/7/73	328
Lisboa	—	24/3/74	329
	—	19/4/77 (cartão-de-visita)	330

Narrativas

A POLTRONA E OUTRAS NOVELAS

A Poltrona	335
Mulher Comendo Frango	385
A Sinuosa Circunferência	415
Valentina, Meu Amor	433

Teatro

RTX 78/24	457
HISTÓRIA BREVE DA LUA	547

Ensaio Literários

Os Poetas Falam de Poesia	587
No Cinquentenário da Morte de Guerra Junqueiro	589
« <i>Ay flores, ay flores do verde pino</i> »	590
O Sentimento Científico em Bocage	601
«Versos ao Duque de Bragança» do poeta russo Sumarokov (1774)	620
Homenagem a Cesário Verde	623

Anexos

POESIA

Da Infância e Adolescência (1911-1923)

A 1. ^a quadra que eu fiz	631
2. ^a quadra que fiz	632
Um casamento	632
Glosas que fiz a um mote	634
À carestia da vida	635
Lusíadas	636
Anacleto [Acróstico]	639
Historiando — O Infante D. Henrique	640
Do jornal <i>A Mocidade</i> , com o pseudônimo de Eurico Mantegazza	
Principiando	640
Consequências da antiga cavalaria. Torcendo o stick...	643
Mote e Glosa	646
O Castelo de Faria	647
Joaneida	649

Da Juventude (1929-1939)

<i>P'la perda dos meus afagos</i>	653
Poemas geométricos	
Lei da racionalidade	655
Lei da constância dos ângulos	657
Distância	658
Adeus	659
Sacrilégio	659
Foras tu a florzinha que viceja	660
Quis o destino dar-me o entendimento	661
Aquela que em meus sonhos tem guarida	662

NARRATIVAS

Da Infância e Juventude

Um romance	667
O caso do Caldas	669

TEATRO

Da Juventude

Quod est, est...	701
A mulher que não inventou o amor	721

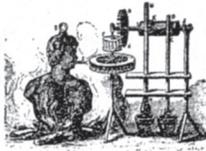
BIBLIOGRAFIA	727
--------------	-----

Movimento Perpétuo

1956

ANTÓNIO GEDEÃO

MOVIMENTO
PERPÉTUO



1956

HOMEM

Inútil definir este animal aflito.
Nem palavras,
nem cinzéis,
nem acordes,
nem pincéis
são gargantas deste grito.
Universo em expansão.
Pincelada de zarcão
desde mais infinito a menos infinito.

VIDRO CÔNCAVO

Tenho sofrido poesia
como quem anda no mar.
Um enjoo.
Uma agonia.
Sabor a sal.
Maresia.
Vidro côncavo a boiar.

Dói esta corda vibrante.
A corda que o barco prende
à fria argola do cais.

Se vem onda que a levante
vem logo outra que a distende.
Não tem descanso jamais.

MOINHO SEM VELAS

Meu moinho abandonado,
meu refúgio de inocente,
meu suspiro impertinente,
meu social transtornado.

Meu sussurro de oceano,
meu ressoar de caverna,
minha frígida cisterna,
minha floresta de engano.

Minha toca de selvagem,
meu antro de vagabundo,
minha torre sobre o mundo,
minha ponte de passagem.

Meu atributo coitado,
meu tanger de hora serena,
rolo de pedra morena,
silêncio petrificado.

IMPRESSÃO DIGITAL

Os meus olhos são uns olhos.
E é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos

onde outros, com outros olhos,
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
uns outros descobrem cores
do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns vêem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
num halo resplandecente.

Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moinhos
D. Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos.
Vê gigantes? São gigantes.

CRUZEIRO DO SUL

Ó meu relógio-de-sol,
agulha de marear,
minha rota sobre o mar,
faixa da luz do farol!

Ergue as tuas mãos em delta
e abriga-me da tormenta.
Numa caravela esbelta
leva-me ao mar da pimenta.

Quero adormecer na areia
loira da praia remota
enquanto no azul vagueia
a asa de uma gaivota.

Quero ser cor na paisagem,
pincelada sem contornos,
haurindo nos ares mornos
transparências de miragem.

Quero dormir e sonhar
um sonho que em cor me afogue:
verdes e azuis de Renoir,
amarelos de Van Gogh.

Dormir nas plagas desertas,
rosto para o céu descoberto,
braços e pernas abertas,
num mudo sono desperto.

Destilar gotas de azul
nas ensonadas pupilas.
Cobri-las e descobri-las,
pálpebras finas de tule.

Oh dormir! Dormir! Dormir!
Consciente e repousado.
Sono de flor a florir
na encosta do outro lado.

CARNE VIVA

Aconchego-me nos andrajos. Procuro
(inútil) não tiritar de frio.
A vida é longa e fria. Um longo e frio muro
a marginar, ao longo, um longo e frio rio.

Aconchego-me nos andrajos. Puxo. Repuxo.
Estendo os olhos, implorativos, à caridade.
Perto, em confortáveis silogismos de luxo,
capitalistas da Verdade.

PULSAÇÃO DA TREVA

Fundiu-se a roda do Sol
entre os cedros afilados.
Desfez-se em azuis rosados,
tinturas de tornesol.

Agora, solenemente,
como um corpo que se enterra,
ao som de um sino plangente
desce a noite sobre a terra.

Campânula asfixiante.
Circula um terror nas veias.
Zumbem estrelas em colmeias
num céu alheio e distante.

Numa dormência de cova,
suspensa em leite de Lua,
toda a vida se renova
e a guerra se continua.

Nas marés do protoplasma
flui, reflui, perene e forte.
Espreita as pegadas da morte,
persegue-a como um fantasma.

Cega e surda, impenetrável,
lateja, na treva urdida,
essa coisa inevitável
que é a vida.